

CINDY TAVARES E GABRIELLE FREIRE

# **OBRIGADO, AMANHECER:**

UM RETRATO DA ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

#### CINDY TAVARES E GABRIELLE FREIRE

# OBRIGADO, AMANHECER

UM RETRATO DA ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação da professora Ellis Regina Araújo da Silva.

# UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

# OBRIGADO, AMANHECER

UM RETRATO DA ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Memória do projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

#### Banca examinadora

Ellis Regina Araújo da Silva (orientadora)
Sérgio Ribeiro Aguiar (membro titular)
Neuza Meller (membro titular)
Dione Oliveira Moura (suplente)

BRASÍLIA 2017

A todas as pessoas em vulnerabilidade social que encontraram na educação uma forma de recomeço e resistência. Que o presente trabalho possa fazer com que eles se sintam representados e protagonistas de um novo cenário social.

#### **AGRADECIMENTOS**

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, a Deus por nossas vidas e pela oportunidade de estarmos concluindo nossa graduação em uma das melhores universidades federais do país.

Obrigada a todos os educadores do corpo técnico da Faculdade de Comunicação. Em especial, a nossa orientadora Ellis Regina, que acreditou em nossa proposta e nos guiou com amor.

Não podemos deixar de frisar a importância da coordenação da UnBTV, com destaque para a diretora Neuza Meller. Primeiro por terem nos acolhido e pela disponibilidade em nos transmitir conhecimento e os equipamentos necessários para que esse trabalho se tornasse possível. Além disso, o trabalho do cinegrafista Alex Fábio foi essencial para o êxito do resultado final.

Somos muito gratas ao editor André Pereira, que não mediu esforços para nos ajudar e teve a sensibilidade necessária para a montagem de um trabalho tão delicado. Para completar, gostaríamos de ressaltar o apoio de Rose Angélica.

Um agradecimento especial a todos da equipe pedagógica e aos alunos da Escola dos Meninos e Meninas do Parque (EMMP), por terem nos recebido de braços abertos e se disponibilizado a dividir conosco parte de suas histórias. Esse documentário não existiria sem a inspiração e a ajuda de cada um deles.

De modo particular, eu, Cindy Tavares, gostaria de agradecer à minha mãe/pai, Luciana Tavares, por ter me dado a vida e por todo o amor e dedicação que alguém pode querer nesse mundo. À minha avó, Marielza Tavares, por todo o suporte e pelos ensinamentos sobre os valores da vida e do verdadeiro significado de resiliência.

Não posso deixar de lembrar do meu tio, Breitner Tavares, que é o responsável pela construção do meu amor pela UnB e por ter sido meu mentor em boa parte da vida acadêmica. Aos meus primos/irmãos, Emily Mourão e Aruã Tavares, por serem sempre meus companheiros e a todos os outros membros da minha família por sempre me desejarem o melhor. Por fim, queria citar o meu namorado, Herbertt Teixeira, que é a razão dos meus sorrisos e meu apoio nas horas difíceis.

Eu, Gabrielle Freire, agradeço imensamente à minha mãe, Wélida Sousa, por ser a inspiração da minha caminhada, sendo exemplo de força e dedicação a todo instante. Ao meu pai, Celso Freire, que me ensina muito sobre a vida com sábios conselhos e nunca deixou de estar ao meu lado quando precisei.

Agradeço também ao meu namorado e futuro marido, Augusto Cézar Bravo, que escolheu viver os sonhos de Deus comigo e será sempre meu companheiro inseparável e amigo fiel. Todos os meus familiares, avós, irmãos, tios, primos e amigos são parte dessa conquista, obrigada por acreditarem em mim e comemorarem cada um dos meus passos.

#### **RESUMO**

O processo de letramento é delicado e determinante, principalmente, aos indivíduos que estão inseridos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Compreender as motivações e a vida pregressa dessas pessoas é um desafio, em especial, quando elas se encontram em situação de rua. O presente documento é um relato do memorial da produção do documentário "Obrigado, amanhecer: Um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua", que mostra as perspectivas de inserção social de pessoas que construíram suas vivências no ambiente da rua. O conteúdo está embasado por dados sociodemográficos e teorias relacionadas à etnografia, documentário e jornalismo público.

**PALAVRAS-CHAVE:** situação de rua; alfabetização; sociabilidade; jornalismo; documentário audiovisual.

#### **ABSTRACT**

The process of literacy is delicate and determinant, mainly, to the individuals that are inserted in the modality of Education of Youths and Adults (EJA). Understand the motivations and the past lives of these people is a challenge, especially when they are in street situation. This document is an account of the memorial of the production of the documentary "Obrigado amanhecer: Um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua" which shows the perspectives of social insertion of people who have built their experience in the street environment. The content is based on sociodemographic data and theories related to ethnography, documentary and public journalism.

**KEYWORDS:** homeless; literacy; sociability; journalism; audiovisual documentary

# SUMÁRIO

1 - APRESENTAÇÃO	8
2 - PROBLEMA DE PESQUISA	11
3 - JUSTIFICATIVA	12
4.1 – OBJETIVO GERAL	15
4.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
5 - REVISÃO TEÓRICA	16
5.1 – VULNERABILIDADE SOCIAL	16
5.2 – ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE	
5.3 – EDUCAÇÃO NO BRASIL	20
5.5 – A SITUAÇÃO DE RUA NA MÍDIA	23
5.6 – DOCUMENTÁRIO E LINGUAGEM AUDIOVISUAL	26
5.7 – UNBTV	30
6 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
6.1 - PRÉ - PRODUÇÃO	33
6.2 – PRODUÇÃO	37
6.3 – PÓS PRODUÇÃO	44
7 - CONCLUSÃO	48
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
9 - APÊNDICES	54

# 1 - APRESENTAÇÃO

Existem diferentes designações para os indivíduos que se encontram em situação de rua. De acordo com o Decreto nº 7.053/20091, o indivíduo intitulado como morador de rua é aquele que está integrado a um grupo populacional heterogêneo, em estado de pobreza extrema, que apresenta vínculos sociais interrompidos e falta de moradia convencional regular.

De acordo com censo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicado em 2016, no país existem cerca de 101.854 pessoas em situação de rua. O Centro-oeste apresenta o menor percentual do país, ficando atrás apenas da região Norte, com um total de 8.777 pessoas nessa condição.

O 1º Censo e Pesquisa Nacional sobre a Situação de Rua<sup>2</sup>, produzido em 2009 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) em parceria com o Instituto Meta e organizado por Júnia Cunha e Valéria Rodrigues, ambas vinculadas ao ministério, identifica que o processo de vulnerabilidade social desses indivíduos é marcado, principalmente, por fatores externos. Ainda de acordo com a pesquisa, cerca de 35,5% declararam ter problemas com alcoolismo e drogas, 28,8% disseram estar na rua por falta de emprego e 29,1% afirmam ter saído de casa, por causa de problemas com a família. Além dos motivos destacados, não podemos ignorar o fato da escolha pessoal ter grande interferência no processo de permanência desses indivíduos na rua. Segundo Cunha e Rodrigues:

> Considerando-se as razões apontadas, há uma que não aparece expressivamente nos relatos, mas que merece ser destacada: a escolha pessoal pela rua como opção de moradia. Apesar de não aparecer como razão principal da saída de casa, esta questão deve ser considerada na medida em que, mesmo quando as razões explicitadas envolvem desentendimentos familiares ou ameaças e violências sofridas dentro do ambiente familiar, há um grau de escolha própria para ir para a rua. (CUNHA; RODRIGUES, 2009, p. 87)

De acordo com a Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (SEDESTMIDH) existem cerca de 3 mil pessoas em situação de rua no Distrito Federal. Um ponto positivo é que o DF possui uma gama de políticas públicas de assistência e resgate às pessoas de

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Palácio do Planalto (2009)

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Censo: RUA: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (2009)

situação de rua, ainda segundo a SEDESTMIDH, suas equipes realizam cerca de 2.700 abordagens por mês. Um diferencial nesse âmbito é a Escola dos Meninos e Meninas do Parque (EMMP), que provê o estabelecimento da educação básica a esses indivíduos.

Através da retomada de valores simbólicos e afetivos a EMMP, que obedece à designações providas pela Secretaria de Educação na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem papel direto no processo de reinserção social.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem o intuito de revelar o outro lado da história. O de dar voz aos que, por algum motivo, não tiveram a oportunidade de frequentar a educação básica. O cenário escolhido para essa articulação foi na Escola dos Meninos e Meninas do Parque (EMMP) de Brasília.

O reestabelecimento de vínculos e de perspectivas são os temas principais do presente trabalho. O intuito é entender de que forma se desenvolvem as perspectivas de pessoas que permanecem às margens da sociedade e, ainda assim, optaram pela escola.

Nesse sentido, a história de vida não constitui simplesmente um relato objetivo e exaustivo de eventos ocorridos na vida do narrador, nem exterior a eles, nem meramente um relato desinteressado, nem tão somente sobre um passado. Pelo contrário, é um relato dotado de uma afetividade particular e presente (concreta e emocionalmente) justamente porque é através dele que o indivíduo se conta e se reafirma como sujeito, dentro de determinados contextos. (JABUR, TAVARES, SILVA; MARTINS, 2015, p. 80).

O documentário "Obrigado, Amanhecer: Um retrato da educação de pessoas em situação de rua" é uma produção independente, com o apoio do Canal Universitário de Brasília – UnBTV, narrado e apresentado por seis alunos da EMMP. O título do trabalho faz alusão à um trecho cantado pelo entrevistado José Liberato, no qual ele faz uma releitura de um trecho da música *Marcas do que se foi*, de autoria de Ruy Maurity e José Jorge. Ele substitui a parte "novo a cada amanhecer" da música original por "obrigado, amanhecer".

O presente documento corresponde ao memorial do documentário, que demonstra aspectos sociodemográficos relacionados à população de rua e alfabetização, com o foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além disso,

apresenta aspectos etnográficos relacionados à forma documental, apresenta conceitos do jornalismo público e observa como veículos midiáticos pautam temas sobre pessoas em situação de rua, todos esses fatores foram utilizados na composição da análise.

#### 2 - PROBLEMA DE PESQUISA

A temática do presente trabalho tem o intuito de indicar as perspectivas e a vida pregressa de pessoas em situação de rua, que se reinseriram no processo de educação formal por meio da Escola dos Meninos e Meninas do Parque (EMMP). Todo o conteúdo foi proposto para responder à pergunta: "Quais são as perspectivas e motivações de pessoas em situação de rua que se reinseriram na educação formal, por meio da EJA na Escola dos Meninos e Meninas do Parque?"

O tema que abrange a função transformadora da escola, sob a ótica de indivíduos que permanecem à margem da sociedade, apresenta paradigmas que se relacionam, principalmente, com fatos da vida pregressa desses relatores.

A falta de vínculos familiares e a escassez de recursos de necessidade primária, como higiene e alimentação são alguns dos fatores que atraem esses indivíduos para a EMMP. Geralmente, a permanência dessas pessoas é cíclica, até que elas criem vínculos com a equipe pedagógica e vejam possibilidades de ascensão social, por meio da educação.

A compreensão desses pontos só seria fidedigna se partisse do posicionamento dos indivíduos que vivem sob tais perspectivas, por isso os personagens dessa história são os alunos que partiram da rua, frequentam a EMMP e não possuem vergonha de expressarem suas histórias.

O formato documental foi escolhido, pois é o único capaz de captar as nuances e expressões, a fim de garantir a total veracidade da obra. Além, de ser o meio mais fácil para que os indivíduos que estão em processo de alfabetização tenham acesso ao conteúdo e o compreendam.

Sendo assim, o conteúdo registrado necessita fazer sentido e transcender o simples conjunto de falas intercaladas (CARVALHO, 2013).

#### 3 – JUSTIFICATIVA

Nascemos em famílias de educadores, acompanhamos de perto lutas e conquistas em prol da educação que despertaram em nós o desejo de anunciar o valor de um ensino plural e acolhedor.

O exemplo começa com a avó da Cindy, que além de pregar a importância da educação, foi professora de educação especial na Secretaria de Educação do Distrito Federal. O tio professor da Universidade de Brasília, já lecionou aulas na EJA em uma escola no P Norte, em Ceilândia. E por fim, pela mãe que foi aluna da EJA, se tornou professora de educação infantil em uma escola particular e hoje trabalha como fonoaudióloga com indivíduos que apresentam distúrbios e dificuldades de aprendizado.

Para a Gabrielle, a inspiração vem da mãe que aos 18 anos iniciou sua carreira como professora de matemática da rede pública do DF. Além disso, o desejo da avó em aprender a ler e escrever aos 65 anos, também foi motivo para a escolha do tema.

Como comunicadoras, somos o canal que liga as pessoas à informação. Produtoras de uma comunicação de massa, que consegue alcançar lugares distantes e valorizar o que está oculto. É nesse papel de porta-vozes que pretendemos nos enquadrar ao fim do trabalho de conclusão de curso. O nosso desejo é assumir um espaço de fala para destacar a educação como um caminho para transformar histórias.

O formato documental foi escolhido pela possibilidade das pessoas se apresentarem de uma forma natural, mesmo que diante das câmeras, a intenção é captar ao máximo a essência dos entrevistados. O áudio e o vídeo nos permitirão registrar movimentos, olhares, gestos, situações que são fundamentais para contextualizar a narrativa.

A nossa intenção é ouvir as perspectivas de pessoas que moram nas ruas com encargo de permanecerem alheios às convenções da sociedade. Gostaríamos que elas se sentissem representadas e mostrassem para a sociedade que são muito mais do que estimativas ou estereótipos deturpados.

Essa captação foi realizada com o apoio da UnBTV que é especializada em produções experimentais e que fomenta assuntos de funcionalidade pública.

Diante do tema central do presente trabalho, é importante salientar que a erradicação do analfabetismo no Brasil ainda é um desafio. Estimativas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2005, apontam que cerca de 13 milhões de brasileiros, com mais de 15 anos, ainda não sabem ler ou escrever.

Vários são os fatores que interferem nesse cenário, além da densa desigualdade social, as estratégias e investimentos voltados à Educação de Jovens e Adultos se mostraram ineficazes. Isso se deve ao fato da EJA ter sido colocada como direito fundamental há pouco menos de 20 anos. Segundo Leonor Dias Paini e colaboradores, o país já passou por várias fases na luta contra o problema.

Dentre essas tentativas, estão as seguintes propostas de alfabetização: Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (1947, Governo Eurico Gaspar Dutra); Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958, Governo Juscelino Kubitschek); Movimento de Educação de Base (1961, criado pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil-CNBB); Programa Nacional de Alfabetização, valendo-se do método Paulo Freire (1964, Governo João Goulart); Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral (1968-1978, Governos da Ditadura Militar); Fundação Nacional de Educação de Jovens e AdultosEducar (1985, Governo José Sarney); Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania-Pnac (1990, Governo Fernando Collor de Mello); Declaração Mundial de Educação para Todos (assinada, em 1993, pelo Brasil em Jomtien, Tailândia); Plano Decenal de Educação para Todos (1993, Governo Itamar Franco) e, finalmente, o Programa de Alfabetização Solidária (1997, Governo Fernando Henrique Cardoso). Leonor Dias Paini e Colaboradores (PAINI, 2005, p. 224).

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394/96³, foi um grande marco na luta pela aplicação de políticas efetivas no âmbito da educação no país. Além de qualificar a EJA, a Lei instituiu a criação do Plano Nacional da Educação, estabelecido durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva em 2014.

O intuito principal da EJA é qualificar o texto previsto no artigo 208 Inciso I da Constituição Federal de 1988, que garante o acesso e a permanência ao ensino fundamental a todos.

O curso regular da EJA é dividido da seguinte maneira:

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Palácio do Planalto (1996).

- Fase I Corresponde do 1º ao 5º ano do Ensino Regular (séries iniciais do Ensino Fundamental)
- Fase II Corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Regular (séries finais do Ensino Fundamental)

#### Ensino Médio

O desafio da erradicação do analfabetismo se torna ainda mais complexo quando se trata de pessoas em situação de rua.

No Distrito Federal existe apenas uma instituição específica que lida com esse tipo de público, a Escola Meninos e Meninas do Parque (EMMP), criada em 1992.

Segundo a Secretaria de Educação do Distrito Federal, na instituição estão matriculados atualmente 184 alunos. A unidade escolar está localizada no Parque Recreativo Dona Sarah Kubitschek, estacionamento 6.

A EMMP nasceu da necessidade de fornecer escolarização para as pessoas em vulnerabilidade localizadas no centro da capital. Antes dela, duas iniciativas primavam por promover oficinas para esse público, essas foram a Ação Social do Planalto e a Unidade do Gran Circular.

Tendo em vista o tema central do presente trabalho, que visa expor o processo de escolarização de pessoas em situação de rua, o 1º Censo e Pesquisa Nacional sobre a Situação de Rua demonstra dados preocupantes em relação ao grau de instrução dos indivíduos entrevistados em situação de rua. Do total de 27.647 pessoas entrevistadas, cerca de 15,1% nunca frequentou uma escola.

No que diz respeito à formação escolar, a maior parte (63,5%) não concluiu o primeiro grau, 17,1% não sabem ler e escrever e 8,3% apenas assinam o próprio nome. A imensa maioria não estuda atualmente (95%) e apenas 3,8% dos entrevistados afirmaram estar fazendo algum curso (ensino formal 2,1% e profissionalizante 1,7%. (CUNHA; RODRIGUES, 2009, p. 87).

# 4 - DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

#### 4.1 – OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente trabalho é documentar as perspectivas de estudantes da educação de jovens e adultos da unidade escolar dos Meninos e Meninas do Parque (EMMP).

O intuito foi compreender como as orientações coletivas e as estruturas da EJA funcionam na prática e impactam na realidade dos participantes.

# 4.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar documentário com as perspectivas e vivências de pessoas em situação de rua que cursam a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.
  - Aplicar técnicas de observação etnográficas e documental.
- Desenvolver discurso pautado no jornalismo público para fomentar a perspectiva da pessoa em situação de rua em processo de alfabetização.

## 5 - REVISÃO TEÓRICA

#### 5.1 – VULNERABILIDADE SOCIAL

A imagem estabelecida pelo senso comum sobre as pessoas que moram nas ruas, assim como na designação legal instituída pelo Decreto nº 7.053/2009, emitido pelo Palácio do Planalto, é, de forma direta, ligada à miséria. Os autores Júnior e Ximenes (2016) caracterizam o estado de estereotipagem da pobreza.

A identidade social estigmatizada de pobre é lesiva, porque as sociedades estruturam essas identidades em aspectos pressupostos, ou seja, em formas cristalizadas de reconhecimento do indivíduo. Ela impede o processo de transformação da identidade metamorfose, enfraquecendo as possibilidades de mudança tanto do indivíduo reconhecido por esse prisma identitário estigmatizado, como das políticas de identidade presentes na sociedade. (JÚNIOR; XIMENES, 2016, p. 1)

O surgimento dos indivíduos em situação de rua apresentou dois momentos determinantes: o período medieval (XI) e a revolução industrial (XVIII): Denominada como idade das trevas, a idade média foi um período marcado por extrema pobreza, epidemias e devastação sociodemográfica. Já a revolução industrial impulsionou o surgimento da forma de mendicância que se perpetuou para a contemporaneidade. O crescimento industrial desencadeou um êxodo rural desordenado de indivíduos para os centros das grandes cidades que, infelizmente, não possuía espaço para um desenvolvimento social e econômico igualitário. (Klaumann, 2015)

Segundo Stoffels (1977), a designação de pessoas que moram nas ruas mudou com a chegada do século XX. A autora conta que esses indivíduos passaram a ser divididos de duas formas distintas, como "vadios" e "marginais". Essa classificação parte do pressuposto de que o vadio seja o indivíduo que pede esmola, de maneira passiva, como uma senhora que pede dinheiro para complementar o dinheiro do leite de seu filho pequeno. Já o marginal, é apresentado como aquele que vive estritamente da esmola, como um menino, com aparência suja, que pede dinheiro no sinal.

Ao contrário do que possa permear no senso comum, os indivíduos que moram na rua apresentam dinâmicas próprias, embora não existam regras

preestabelecidas dentro dessa camada social, eles aderem a algumas estratégias de organização.

Dentre os fatores que interferem na constituição e estabilidade dos grupos de moradores de rua encontram-se intrinsecamente associados o tecido relacional interno ao grupo e o espaço urbano ocupado, sua territorialidade. Os grupos estabelecem um cotidiano onde são compartilhadas estratégias de sobrevivência filosófica e rendimentos (o produto da esmola, alimentos, informações sobre locais propícios ao pedido, repouso, obtenção de documentos e assistência em geral), por sua vez, condicionadas ao tipo de espaço urbano ocupado. (ESCOREL, 2000, p. 147)

No Brasil os primeiros mendigos eram escravos alforriados que receberam suposta liberdade. Esses indivíduos foram encarregados de se manterem em uma sociedade racista que tinha dificuldade de lhes aceitar fora da condição de serviçais. Em meados do século XX, a revolução industrial passou a impactar as cidades brasileiras, de forma mais efetiva, fazendo com que as características das pessoas em situação de rua passassem a ser mais parecidas com que existe hoje. (Klaumann, 2015)

Em 2009, o governo brasileiro estabeleceu uma Política Nacional de Pessoas em Situação de Rua<sup>4</sup>, no qual instituiu comitês gestores intersetoriais, integrados por representantes das áreas relacionadas ao atendimento da população em situação de rua.

Sendo assim, diante da perspectiva do Distrito Federal, o governo do DF adota algumas estratégias através do Serviço de Abordagem Social. No caso das pessoas em situação de rua, há a possibilidade de que eles sejam conduzidos aos Centros POP (Centro Especializado em Atendimento à População em Situação de Rua), cujo grande intuito é estimular a ressocialização.

O Centro POP possibilita que os indivíduos pratiquem higiene pessoal, se alimentem e possuam acompanhamento com profissionais que prestam apoio psicológico e social. Aliados a esses centros, estão os Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS); uma das 17 Agências do Trabalhador; os CEAMs (Centro de Atendimento à Mulher), a Casa da Mulher Brasileira; o Espaço da Cidadania e os abrigos disponibilizados pelo governo.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Decreto nº 7.053/2009; Palácio do Planalto.

Apesar da amplitude do tema e do estabelecimento de políticas públicas, as estimativas e conceituações que dizem respeito aos indivíduos em situação de rua ainda estão em processo de composição. Existe uma deficiência no que diz respeito as discussões sobre o tema.

Embora, é perceptível um desenvolvimento no sentido de se elaborar uma definição menos censitária, não atribuindo, por exemplo, um único fator característico- ter ou não casa - é inegável, ainda, o curto alcance do termo quando se trata de definir as várias perspectivas sociais, culturais e econômicas acerca desta população. (JABUR; TAVARES; SILVA; MARTINS, 2015, p. 80).

#### 5.2 – ESCOLA DOS MENINOS E MENINAS DO PARQUE

Dentro do escopo de políticas pública de apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade social podemos encontrar a Escola dos Meninas e Meninos do Parque (EMMP), que atende cerca de 184 alunos e foi idealizada para atender exclusivamente a esse público. Essa escola é credenciada pela Secretaria de Educação e tem como base a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Segundo informações disponibilizadas pela Secretaria de Educação, via email, a instituição recebeu, no primeiro semestre de 2017, R\$ 13,2 mil (treze mil e duzentos) de investimento. O cálculo de distribuição do dinheiro está baseado no número de alunos, contabilizando por semestre R\$55 (cinquenta e cinco) para cada. O investimento governamental é pequeno, por isso, a equipe da escola se desdobra para conseguir doações de alimentos nas Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa) e possibilitam a entrada de pessoas que desejam ser voluntárias na escola.

Apesar de estar vinculada à Secretaria de Educação e obedecer certas diretrizes, a EMMP não apresenta práticas pedagógicas engessadas, tendo em vista que os indivíduos assistidos têm dificuldade de se adequar a uma mesma rotina. O processo de inserção dessas pessoas é realizado de forma gradual.

O trabalho exercido na escola está pautado no acolhimento. O corpo docente mantém um processo contínuo de atração dos alunos, tendo em vista o alto índice de evasão.

Uma tendência dos indivíduos é sair e retornar à escola várias vezes durante o ano letivo. Sendo assim, os professores não podem dar uma continuidade regular ao conteúdo programático.

A unidade escolar EMMP possibilita que os interessados se matriculem diretamente na própria escola e ingressem em qualquer momento, sem precisar esperar pelo período regular de matrículas da Secretaria de Educação. O trabalho respeita a situação de rua do aluno, levando em conta as dificuldades que ele pode ter para manter uma constância nas aulas.

No passado existiram ações de estímulo à escolarização de jovens e adultos no DF, que foram precursoras da EMMP. A primeira foi a Ação Social do Planalto em 1991, que promovia oficinas para o público em situação de rua. E em 1992, a Secretaria de Educação tomou as rédeas da ação e a vinculou a várias secretarias de governo. Foi aí que surgiu a Unidade do Gran Circular, localizada na Rodoviária do Plano Piloto, que deu origem à EMMP.

A Escola dos Meninas e Meninos do Parque surgiu em 1995 com um trabalho pedagógico humanizado, acreditando no potencial de cada ser humano. A equipe que faz parte do projeto tem como meta ensinar que a educação pode transformar vidas, além disso o acompanhamento é feito por meio da persistência, acreditando que mesmo diante das dificuldades impostas pela rua, os alunos sempre podem voltar para aprender. O projeto atende menores de idade durante o período matutino e maiores de idade, no vespertino.

A escola está localizada bem no centro da capital federal, onde há maior incidência de pessoas nessa situação. A escolha do Parque da Cidade como sede foi determinada por ser este um espaço aberto, sem muros e pronto para receber quem passar por ele, assim como a EMMP.

Todos os alunos são acompanhados semanalmente por meio de uma ficha de desempenho. Os novatos passam por uma entrevista inicial para que sejam conhecidos pelos profissionais e se adaptem à rotina da escola. Os alunos assistem às aulas, recebem café da manhã e lanche, mas não ficam hospedados na escola, quando o turno termina eles precisam voltar para as ruas, o que faz com que muitos não voltem no dia seguinte.

O grande objetivo da EMMP é oferecer um espaço de ressocialização para indivíduos que se encontram à margem da sociedade. A escola nada mais é do que uma complementação para as políticas públicas que tem como intuito de garantir cidadania e capacitar os indivíduos vulneráveis.

# 5.3 – EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação é o instrumento principal para tornar os indivíduos seres humanos políticos, com senso crítico (DUARTE, 2012 p. 11). É a partir desse pressuposto que se baseia o presente trabalho. Um indivíduo incapaz de desenvolver senso crítico, permanece suscetível a aceitar qualquer tipo de situação.

A ressignificação do mundo, dada através dos recursos disponibilizados no processo de letramento, pode ser primordial para o exercício da cidadania.

Considera a alfabetização como a principal tarefa capaz de trazer para si mesmo e para os outros, um novo significado: Possivelmente seja este o sentido mais exato da alfabetização: Aprender a escrever sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se existenciar-se, historizar-se. (FREIRE, 2005, p. 8)

A Constituição Brasileira de 1924 já previa a "instrução primária e gratuita a todos os cidadãos", embora nem toda sociedade fosse classificada como tal. Em 1930, os integrantes do intitulado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova passaram a defender a educação como forma de exercício da cidadania e integração social.

No governo de Getúlio Vargas houve uma expansão do sistema educativo, que impulsionou a idealização do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1938. A criação do INEP apresentou resultados benéficos, no que diz respeito à ampliação da educação primária e a inclusão dessa modalidade na Educação de Jovens e Adultos. (PAINI; GRECO; VALINO; AZEVEDO; GAZOLA, 2005)

Entre os anos 40 e 50, a EJA passou a ser percebida de forma individual, e não somente como uma extensão da educação formal. Em 1947, ocorreu a criação do Serviço Nacional da Educação de Adultos (SNCA) que passou a definir diretrizes para essa modalidade de ensino. Esse serviço impulsionou, em conjunto com a

Unesco, a criação da primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos no Brasil. (PAINI; GRECO; VALINO; AZEVEDO; GAZOLA, 2005)

Em 1967, ocorreu a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que é considerado o primeiro passo realmente significativo na erradicação do analfabetismo. Essa estratégia promoveu atividades de alfabetização, mediante convênios com entidades públicas e privadas. Ele foi extinto em 1985 para dar lugar à Fundação Educar.

A Fundação Educar foi extinta e surgiu o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). Em 1997, foi implantado o Programa Comunidade Sólida que buscou atender municípios com altos índices de analfabetismo nas regiões norte e nordeste do país.

Pensando-se em aspectos palpáveis, a promulgação da atual Constituição Federal de 1988, passou a conduzir avanços no campo dos direitos civis e definiu em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Foi apenas com a chegada da LDB que a educação de jovens e adultos se tornou direito fundamental estabelecido por lei.

Em 2014, foi definido conjunto de metas pautadas na LDB, que instituiu um plano decenal para a educação no país. O Plano Nacional da Educação (PNE), determinado pela lei nº 13.005 de junho de 2014, tem o intuito de determinar diretrizes para o sistema educacional brasileiro. Esse plano apresenta 20 metas que devem ser cumpridas ao longo do decênio de 2014 a 2024. O Ministério da Educação estrutura os objetivos do PNE em três blocos:

O primeiro grupo são metas estruturantes para a garantia do direito a educação básica com qualidade, e que assim promovam a garantia do acesso, à universalização do ensino obrigatório, e à ampliação das oportunidades educacionais. Um segundo grupo de metas diz respeito especificamente à redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade. O terceiro bloco de metas trata da valorização dos profissionais da educação, considerada estratégica para que as metas anteriores sejam atingidas, e o quarto grupo de metas referese ao ensino superior. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014)

O PNE apresenta duas metas que contemplam a Educação de Jovens e Adultos no país. A primeira é a número oito, que preza pela equalização da educação de pessoas com faixas etárias entre 15 e 29 anos. E a número nove, que segundo manual do Ministério da Educação (2014), pretende elevar a taxa de alfabetização do

público-alvo da EJA em 93,5 % até 2015 e, até o final do decênio do PNE, extinguir o analfabetismo absoluto e diminuir em 50% a taxa do analfabetismo.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que 8% da população brasileira ainda não sabe ler e escrever. Esse número aponta cerca de 13,2 milhões de pessoas analfabetas.

Existem dois grupos dentro da educação de jovens e adultos. O primeiro é composto por jovens que não conseguiram concluir o ensino básico no tempo determinado pela educação regular, geralmente por problemas socioeconômicos. E outro, integrado por pessoas idosas que nasceram em uma época, na qual a educação não era dada como fator primordial, por isso não foram incentivadas a adentrar o mundo letrado.

Nesta perspectiva, há uma heterogeneidade dessa população atendida pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos com características e especificidades distintas, pois uma grande parcela dos alunos da EJA são sujeitos sociais e culturais, marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais o que acarreta uma falta de comprometimento e uma não participação ativa na sociedade. (MONTEIRO; MOURA, 2012, p. 7)

#### 5.4 – JORNALISMO PÚBLICO

O jornalismo público nasce como forma de estimular a cidadania, a fim de levar os indivíduos a se envolverem em debates mais profundos sobre assuntos que permeiam o corpo social. Essa temática tomou forma em 1990 nos Estados Unidos, como estratégia de retomada da credibilidade dos jornais, e fuga do padrão isento e objetivo que é pregado no jornalismo tradicional (MONTEIRO; MOURA, 2012).

No Brasil, essa nova forma de se tratar a notícia já está expressa em veículos de comunicação tradicionais e de credibilidade, sendo mais explorado por veículos de comunicação pública, como a TV Cultura. Esse modelo se desenvolveu, a fim de fomentar temáticas sociais que outrora eram tratados de forma impessoal e distante. Assim como é tratado por Costa:

Os jornalistas públicos partem da premissa de que é necessário reanimar o debate público, pois a informação por si só não é suficiente. É necessário interpelar o cidadão para que ele participe. Desse modo, propõe-se uma nova dinâmica da vida em sociedade, tendo a imprensa um fundamental papel não

só como mediadora, mas como espaço de mediação. De simples observadores isentos, os jornalistas passam a ser atores. Portanto, diz respeito direto às relações entre política e jornalismo. (COSTA, 2006, p. 127)

O presente trabalho se pauta na temática de jornalismo público, pois trata dos aspectos referentes à reinserção de pessoas em situação de rua na educação formal não de forma objetiva, a fim de simplesmente informar ao espectador, mas de forma sensível e que faça com que haja identificação e afinidade para com o tema.

## 5.5 – A SITUAÇÃO DE RUA NA MÍDIA

As pessoas em situação de rua são dificilmente apresentadas pela mídia, isso é perceptível a partir de observações diárias dos noticiários. A posição de vulnerabilidade, talvez, seja o que distancie a realidade de quem está nas ruas dos holofotes do jornalismo. Embora, como propagador de notícias, caiba ao jornalista apresentar aos grupos o funcionamento da sociedade como um todo, independentemente da situação social, religiosa ou política. A isenção torna-se então um dos princípios para conduzir o jornalismo, como destaca Luiz Martins (2010, p. 7) ao atribuir à classe a necessidade de desenvolver um trabalho segundo valores morais e éticos, fazendo uso da verdade, da objetividade e da imparcialidade.

Para Ferreira e Alves (2015) a mídia possui uma linguagem voltada para os grandes setores. Enquanto isso, pessoas em situação de rua não tem suas histórias divulgadas ou são apresentadas de forma pejorativa. O posicionamento da mídia surge como consequência à marginalização criada pela sociedade sobre pessoas em situação de vulnerabilidade. "A invisibilidade dos moradores de rua não está presente só na sociedade, mas também nos meios de comunicação." (FERREIRA; ALVES, 2015, p. 12).

As representações feitas pela mídia são pautadas por critérios de noticiabilidade, classificação que analisa o quanto os assuntos são relevantes para virar notícia. A avaliação se define por diferentes critérios, entre eles, conceitos e opiniões da maioria. O grau de relevância que cada assunto carrega é o que define como será sua divulgação, seja em posição de destaque ou em um espaço reduzido.

Compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fato potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do

material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (SILVA, 2005, p. 2)

O jornalismo feito para chegar ao público carrega a responsabilidade de gerar interesse. Diferentes pessoas, em localidades e condições distintas buscam uma forma específica de informação, algo que fale diretamente com elas em uma linguagem capaz de criar identificação. Entender o público para que se fala é enxergar o conteúdo que precisa ser produzido. O material produzido se torna irrelevante quando o grupo receptor não procura ter proximidade com o que está sendo noticiado. Se não há quem receba certos conteúdos, estes deixam de ser veiculados com frequência e tornam-se mais um entre outras milhares de histórias. (FERREIRA; ALVES, 2015)

Os excluídos são menos capazes de controlar sua própria representação, pois são considerados indivíduos sem cultura e incapazes de se expressar na linguagem exigida pela grande mídia. Ainda, sua vida habitual não é interesse para os jornalistas dos meios de comunicação de massa.(FERREIRA; ALVES, 2015, p. 18)

Para embasar a visibilidade de diferentes notícias produzidas pelo jornalismo, o presente trabalho buscou analisar a quantidade e o conteúdo de matérias sobre moradores de rua veiculadas por um telejornal local. Foram avaliadas reportagens que foram ao ar de janeiro de 2015 a 10 de outubro de 2017 nos dois principais telejornais da Rede Globo Brasília, DFTV 1ª Edição e DFTV 2ª Edição. Esses noticiários lideram a audiência ao meio-dia e às sete da noite no Distrito Federal, segundo registro estatístico do Real Time Brasil, que pertence ao grupo Kantar, responsável por fazer medições, monitoramento e planejamento de mídia.

O telejornal DFTV 1ª Edição, exibido de segunda à sábado, tem duração de 45 minutos. Em observação foi possível concluir que o jornal segue um formato voltado, em sua maioria, para as demandas da comunidade. As matérias circulam entre a estrutura das cidades, temas de comportamento do brasiliense e os factuais com grande impacto no DF. Já o telejornal DFTV 2ª Edição, também exibido de segunda à sábado, tem cerca de 20 minutos de duração. O tempo inferior da grade horária da noite interfere no formato do jornal, que opta por reportagens mais rápidas e dentro de temas factuais.

A análise dos dois telejornais mostra que das 37 matérias com a temática sobre moradores de rua 27 possuem um viés negativo sobre o grupo. Na maioria das reportagens assistidas as pessoas em situação de rua estão associadas ao crime, sejam envolvidas em tráfico de drogas, assaltos ou vítimas de algum tipo de violência. Os temas que viram notícia são reflexos da marginalização criada pela sociedade, a mídia também ajuda a reforçar essa ideia ao priorizar a veiculação de situações constrangedoras de um grupo menos favorecido pelos interesses sociais.

A prescrição da população de rua está relacionada a uso de drogas, esses hábitos já estão ligados a essas pessoas porque é uma cultura que já está impressa na sociedade e porque é assim que é noticiado, sempre há relação entre os moradores de rua e o uso de drogas. (FERREIRA, ALVES, 2015, p. 13).

É importante salientar que toda a análise de conteúdo do observatório sobre os telejornais foi realizada com o conteúdo disponível no site da *globo.com*. Esses jornais foram os selecionados, pois são os que apresentam maior visibilidade diante do público do Distrito Federal.

	DFTV 1º edição		
DATA	MANCHETES DAS MATÉRIAS		
07/07/17	ONG ajuda moradores de rua do Plano Piloto		
24/07/17	Abandono em prédio da Regional de Ensino		
29/06/17	Obras de creche em Samambaia estão abandonadas		
13/06/17	Posto de Saúde abandonado serve de abrigo para moradores de rua		
15/04/17	Moradores reclamam de Posto Policial Abandonado		
16/03/17	Blitz em prédios abandonados de Taguatinga		
24/11/16	Judô ajuda tirar jovens e crianças das ruas		
10/09/16	Morador de rua assassinado na 306 sul		
22/06/16	Cresce o número de ocupações com barraca de lona		
13/04/16	Donos de hotel abandonado ainda não foram notificados		
28/01/16	Denúncias de falta de segurança em Taguatinga		
25/12/15	Natal dos desgarrados vira tradição		
04/11/15	Projeto transforma a vida de moradores de rua		
17/10/15	Aumenta o número de moradores de rua no DF		
21/08/15	Polícia investiga assassinatos de moradores de rua em Ceilândia		
30/07/15	Prédio vira abrigo de usuários de droga		
09/06/15	Projeto abriga e ajuda moradores de rua		
30/05/15	ONG que atende moradores de rua não amplia serviço		

24/03/15	Homem acusado de queimar mendigo é preso
21/03/15	Morador de rua acusado de assédio está proibido de entrar na UnB
16/01/15	Polícia apreende menor que matou mendigo

	DFTV 2º EDICÃO		
DATA	MANCHETES DAS MATÉRIAS		
08/07/17	Prédio abandonado representa risco para a vizinhança em Samambaia		
28/06/17	Aumentam flagrantes de tráfico e uso de drogas no DF		
26/01/17	Audiência para melhorar situação das pessoas que vivem nas ruas		
24/12/16	Voluntários fazem ceia especial para moradores de rua		
15/12/16	Arquidiocese de Brasília antecipa natal de moradores de rua		
12/12/16	Três mil pessoas vivem nas ruas do DF		
31/07/16	Entidade Social cobra dinheiro do GDF		
02/05/16	Comerciantes colocam grades em lojas para afastar moradores de rua		
26/04/16	População de rua aumenta no DF		
23/11/15	Entidades de assistência social cobram repasses atrasados do GDF		
22/10/15	Policial fotografa moradores de rua do df durante um ano		
21/08/15	Moradora de rua realiza sonho de reencontro após reportagem		
06/08/15	Polícia procura dois suspeitos pela morte de três moradores de rua		
01/08/15	Morador de rua morto na Asa Sul		

#### 5.6 – DOCUMENTÁRIO E LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Um dos grandes papéis do comunicador é garantir representatividade para todos os grupos políticos e econômicos. Nesse processo de concessão de espaços, os recursos audiovisuais podem ser bastante fidedignos quanto a real expressividade dos indivíduos retratados. Além disso, "ele pode ser um importante instrumento para o conhecimento real dos acontecimentos, de maneira a compreender os mecanismos de construção daquela realidade" (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.31).

As técnicas audiovisuais acabam por se unir ao jornalismo, pois ambas levantam aspectos reais da sociedade e procuram organizar narrativas para que o público entenda um determinado contexto. Segundo Piccinin (2011), essas linguagens carregam a responsabilidade de transmitir uma amostra da realidade.

Ao longo dos anos, o formato se reinventou e abriu portas para a criatividade. Hoje, o documentário revela as diferentes possibilidades do material audiovisual, que consegue transitar entre o tradicional e o contemporâneo. As ferramentas disponíveis constroem uma narrativa de falas, trilhas e imagens. A versatilidade dos campos deu à Egle Spinelli a percepção de que o formato cresce em diferentes direções.

O documentário é um formato que ocupa cada vez mais espaço em todas as mídias audiovisuais, bem como na área jornalística, sejam as consideradas tradicionais ou mesmo nas digitais. (SPINELLI, 2009, p. 1).

O documentário encontrou na tecnologia uma oportunidade para se reinventar. Para Egle Spinelli, o advento do som foi fundamental para a criação de um novo formato, os entrevistados ganharam voz e os letreiros, que situavam o telespectador na história foram repensados a partir da narrativa em "off" – uma forma de usar a voz para criar o ambiente cognitivo.

Nos documentários ainda existe o predomínio do uso da narração em "off" sobre imagens, usada principalmente para introduzir o assunto tratado, fazer ligações de contextos entre as sonoras e, muitas vezes, dar o desfecho final da história retratada, como ocorre frequentemente nas produções jornalísticas (SPINELLI, 2009, p. 2).

O documentário carrega em suas raízes a ideia de anunciar a realidade tal como ela é registrada a partir de pontos de vista neutros. De acordo com Denise Tavares (2005, p. 5), a busca pelo real dentro do formato discutido, tornou-se um grande dilema por gerar dúvidas sobre o papel do cineasta dentro da história: até que ponto cabe ao criador interferir? Tal questionamento surge quando a autora compara as exigências do formato discutido com a facilidade das reportagens audiovisuais em construir um ambiente noticiável ditado pelo repórter.

Ou seja, um dos grandes dilemas presentes na trajetória do documentário, que é a interferência ou não do cineasta e equipe provocando, ou não, por sua vez, a desfiguração daquela representação da realidade, é encarada, sem qualquer dificuldade, nas reportagens audiovisuais: simplesmente cabe ao repórter recortar e entrevistar suas fontes, de forma que possa, por exemplo, seguir na sua investigação (TAVARES, 2005, p. 5)

A entrevista é acrescentada ao documentário como elemento importante para o desenvolvimento das histórias. O contato com as fontes revela-se como um recurso positivo agregado à construção do produto, sendo uma fórmula que aproxima e gera identificação. Tal resultado foi constatado durante a produção do documentário originado a partir dessa pesquisa, sendo a entrevista conduzida abertamente para

priorizar a liberdade da figura questionada. As perguntas feitas durante as gravações surgiram após pesquisa sobre as características do ambiente, tendo a missão de permitir aos personagens a exposição por completo de suas experiências de vida.

A entrevista no documentário pode ser utilizada para construir e resgatar uma memória coletiva, quando vários personagens falam de suas experiências ou lembranças, e também como construção da história de um personagem, através de seus relatos e reflexões sobre sua própria vida (MUSSE; FERRAZ, 2009, p. 8)

A entrevista é um dos recursos que garantem a verdade do formato produzido. "Hoje a entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística" (CARVALHO, 2013, p. 6). A forma como o documentarista se aproxima do contexto explorado anuncia previamente o resultado final do produto. A entrevista aberta aos imprevistos e observações se diferencia do roteiro de perguntas, que pode limitar revelações inesperadas.

A realidade anda atrelada ao documentário como forma de dar voz a algo ou alguém, mas há um curto espaço entre o real e a ficção, que pode ser desfeito quando há situações para interferir na característica do produto. É preciso levar em conta que a essência realista é modificada quando os elementos estéticos são explorados, procura-se o melhor ângulo para imagem, a resposta mais contundente ou o gesto que emociona. A realidade é cada vez mais ficcionalizada (PICCININ, 2011, p. 9), o que não descaracteriza o modelo documental, mas reafirma as características do formato que carrega diferentes vertentes.

Para Nichols (2010, p.26), todo filme é um documentário, independente de abordar a realidade ou não. Por isso, classificou em duas as motivações para a criação de um formato documental, sendo elas as que tratam da satisfação de um desejo pessoal ou a que procura uma representatividade social. A primeira opção expõe vontades, sonhos ou pesadelos do cineasta podendo ser uma ficção, enquanto a representatividade social está ligada à realidade e ao sentimento de compartilhar experiências do mundo comum.

O cinema ficcional e o cinema documental convergem ao criarem mundos verossímeis em si mesmos. As duas vertentes cinematográficas geram mundos simulados, mas com pretensões diferentes: o ficcional não pretende exibir um mundo na tela como se fosse o mundo vivido, já o documental pretende. (ROCHA, 2016, p. 3).

A livre busca pela realidade, característica do documentário, abre as portas para diferentes formatos, cada um com características próprias, que dizem muito sobre o perfil do criador do filme. Nichols (2010, p. 135) identificou seis modelos de produção documental, como o formato poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modo poético dificilmente terá uma visão definida da realidade, essa técnica abre espaço para um filme sem linearidade de fatos e aberto a diferentes intepretações. "Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasivas." (NICHOLS, 2010, p. 138).

O formato expositivo é o mais reconhecido entre o público por seu caráter narrativo, (SELES, 2007, p. 4). A técnica do "off", a voz que conta a narrativa, é utilizada para conduzir a história e caracterizar uma cultura argumentativa apoiada por imagens. Enquanto o *modo observativo* sugere menos interferência do diretor na ação proposta no filme, já que a ideia é apresentar os acontecimentos como de fato são, sem o uso de cortes e interpretações.

Outro ponto abordado é a visão documental de outro ângulo, no *modo participativo* o diretor entra e acompanha como personagem a própria história que observa. Nessa forma, o profissional fica exposto diante das câmeras e dos entrevistados, cogitando dar opiniões, vivenciar experiências e conhecer o outro lado do produto.

O modo reflexivo reafirma a responsabilidade do diretor sobre a obra, enquanto o produto se molda, o documentarista estuda a melhor forma de atingir os questionamentos do público sobre o produto. "O modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona." (NICHOLS, 2010, p. 166). Por fim, o modo performático abre espaço para um argumento sem definição com nuances entre real e abstrato.

O presente produto que será originado a partir dessa pesquisa será estruturado como um *documentário observativo*, onde a influência do diretor é mínima. A ideia é criar uma narrativa consistente que consiga compreender a história dos personagens tal como são. A partir da construção de falas e imagens, o próprio entrevistado fica encarregado de dar vida ao argumento central da obra, assim o uso

do "off" torna-se dispensável. "A falta de legendas e de narrador justifica-se para que o público veja o que está acontecendo, e não a interpretação do cineasta sobre o fato." (SELES, 2007, p. 4).

#### 5.7 - UnBTV

A UnBTV se insere como grande colaboradora no desenvolvimento do produto que está discriminado no presente memorial. É interessante ressaltar que o canal universitário foi o responsável por ceder todos os equipamentos utilizados para a captação de áudio e vídeo.

Pode-se destacar que a produção do documentário só foi possível com a colaboração da diretoria da UnBTV que além de ceder o material necessário, ainda está avaliando uma possível abertura na grade da programação para a exibição do produto audiovisual. A parceria foi realizada, pois a proposta do trabalho vai de encontro com as temáticas abordadas pela TV, com a apresentação de conteúdos que abordam a temática do jornalismo público.

A reitoria da Universidade de Brasília (UnB) idealizou, em 1986, o Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), com o intuito de criar um polo de referência de disseminação de educação e cultura, por meio de recursos multimídia.

O CPCE funciona como laboratório experimental para a comunidade acadêmica nos âmbitos de TV e audiovisual. Após 20 anos de fundação o CPCE deu origem à UnBTV. Essa integralização serviu para caracterizar o Centro como um canal de televisão universitário. A programação da UnBTV é transmitida pela operadora por assinatura *NET* no canal 15.

Em entrevista, a diretora atual da UnBTV, Neuza Meller, nos esclareceu algumas questões. Segundo ela, a UnBTV foi concebida pelo professor Dr. Armando Bulcão<sup>5</sup> com o intuito de realizar um anseio de Darcy Ribeiro<sup>6</sup>, no qual previa a criação de um veículo multimídia próprio da universidade. A estruturação do canal foi concebida, a partir dos seguintes pontos:

<sup>6</sup> Antropólogo e escritor que idealizou a Universidade de Brasília

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Doutor em Comunicação Audiovisual e Publicidade

- Missão: "Divulgar o Ensino, a Pesquisa e a Extensão da Universidade de Brasília, difundir o conhecimento e a cultura e contribuir para a formação de profissionais em audiovisual por meio de nossas produções."
- Visão: "Ser referência de TV universitária, reconhecida por sua excelência audiovisual na difusão, formação e pesquisa e por sua credibilidade como fonte de informação".
- Valores: Ética Profissional, Liberdade Criativa, Imparcialidade,
   Transparência, Inovação, Qualidade, Comprometimento com o trabalho,
   Reconhecimento pelo trabalho e Divulgação do conhecimento.

Em 2017 a UnBTV conta com 34 servidores e 29 estagiários. A programação está disponível 24 horas por dia e conta com os seguintes programas: Diálogos; Agenda Política, Explique sua Tese; Exclusiva; Casa do Som; (Em)Cantos de Brasilia; Esboços; Vozes Diplomáticas; Blitz UnBTV; Transmissões do Consuni; Mini Docs; Eu Recomendo; Tirando de Letra; UnBTV Entrevista; Eu Quero Ser.

A UnBTV se destaca como canal, de âmbito universitário, referência no Centro-Oeste. Diante de tamanha representatividade, no dia 25 de outubro de 2016, o Senado Federal promoveu sessão solene para comemorar os 10 anos da UnBTV e os 30 anos do Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE).

## 6 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de composição do trabalho foi iniciado com a padronização do conteúdo aos princípios do Código de Ética do Jornalismo Brasileiro, que determina aspectos morais e éticos ao exercício do jornalismo. "O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação."<sup>7</sup>

No que diz respeito ao formato do documentário foram estabelecidas bases etnográficas, tendo em vista que os indivíduos que constituíram à produção estão em processo de alfabetização e não estão inseridos em contextos sociais considerados formais.

A pesquisa etnográfica se pauta, a partir da visão do pesquisador diante das perspectivas do grupo estudado. Dessa forma, o estudioso se insere no ambiente do grupo em análise e relata suas percepções, de acordo com os traços de comportamento observados. Mattos (2011) explica que essa é uma abordagem livre.

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. (MATTOS, 2011, p.1)

Essa estratégia é bastante comum em pesquisas antropológicas, nas quais os indivíduos estudados não respeitam convenções sociais ocidentais e formais. A pesquisa etnográfica pode ser agregada a pesquisas qualitativas, tendo em vista que se pauta em aspectos subjetivos dos estudados. Ambas as abordagens se baseiam em aportes teóricos do campo social.

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudo que se interessam pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sociointeracionais, por alguns motivos entre eles estão: Primeiro, preocupa-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas. (MATTOS, 2011, p. 50).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Código de Ética do Jornalismo Brasileiro, Artigo 4º, 2007.

Diante da procura por aportes teóricos sobre etnografia foi decidido que a pesquisa seria composta por recursos audiovisuais. Inspirado no trabalho de Jean Rouch, etnólogo francês e grande representante do cinema documental, o presente trabalho buscou relatos verdadeiros e aleatórios de indivíduos que se dispuseram a se expressar diante das câmeras.

O Filme etnográfico ou o cinema etnográfico entendido no sentido mais amplo abarca uma grande variedade de utilização da imagem animada aplicada ao estudo do Homem na sua dimensão social e cultural. Inclui frequentemente desde documentos improvisados (esboços, ensaios fílmicos) até produtos de investigação acabados e de construção muito elaborada. Os métodos do cinema etnográfico são muito variados e associados a tradições teóricas diferenciadas como a meios e procedimentos utilizados. Assentam no entanto em alguns princípios fundamentais: uma longa inserção no terreno ou meio estudado frequentemente participante ou participada, uma atitude não directiva fundada na confiança recíproca valorizando as falas das pessoas envolvidas na pesquisa, uma preocupação descritiva baseada na observação e escuta aprofundadas independentemente da explicação das funções, estruturas, valores e significados do que descrevem, uti-lização privilegiada da música e sonoridades locais na composição da banda sonora. (RIBEIRO 2000, p. 2).

# 6.1 - PRÉ – PRODUÇÃO

O processo de pré-produção de um documentário é determinante, já que é nesse contexto que se definem as temáticas e perspectivas do projeto. Esse foi o momento para decidirmos a temática do presente trabalho, como já conhecíamos o trabalho da EMMP, tínhamos em mente explorar a história da escola. Foi então que programamos a primeira visita para saber se existiria alguma possibilidade de nos inserirmos na realidade da escola para relatar o que ali era vivido. Em duas visitas iniciais conseguimos a aprovação da equipe pedagógica do local para conhecermos mais a fundo a proposta e colocar em prática o nosso documentário.

#### Primeira visita:

A primeira visita à escola aconteceu em uma segunda-feira, 11 de agosto de 2017, às 13 horas. Logo que chegamos fomos abordadas por uma moça que, com todo o cuidado, nos perguntou se gostaríamos de falar com alguém da coordenação. Ela tinha boa aparência e se comunicava bem, então logo consideramos que ela fizesse parte da equipe que trabalha na escola.

Quando o professor, Jorge Luiz Teixeira, apareceu ele nos cumprimentou e disse que a moça que havia falado conosco era uma das alunas. Ficamos surpresas, porque até o momento tínhamos construído um estereótipo acerca da aparência e comportamento dos alunos que era muito diferente do apresentado pela aluna. Diante disso, deixamos nossos preconceitos de lado e seguimos com o Jorge até a sala dos professores.

No caminho da entrada até a sala dos professores, aonde realizamos a nossa reunião, nos deparamos com paredes coloridas, cheias de desenhos e artesanatos. Percebemos que há uma tentativa de dinamizar o ensino e que a equipe tenta envolver os alunos através do lúdico.

Na sala dos professores, sentamos com o professor Jorge e a coordenadora pedagógica, Elenice Lourenço Felipe. Eles nos questionaram sobre o nosso interesse com a escola e dissemos que o nosso maior intuito é dar visibilidade a escola e às histórias de vida dos alunos. Esclarecemos que temos a intenção de entrevistar um responsável pela escola e mais cinco alunos que se dispusessem a aparecer em um contexto audiovisual.

O Jorge e a Elenice adoraram a ideia e já nos disseram vários nomes de alunos que com certeza iriam gostar de contribuir com o nosso projeto, mas que ao longo da semana iriam fazer um levantamento dos alunos e nos entregar. A única entrevistada que eles deixaram certa foi a diretora da escola, Amélia Cristina, que segundo eles, fala muito bem e tem um envolvimento emocional muito grande com a história dos alunos.

Nesse meio tempo, eles nos contaram várias histórias, nos fazendo perceber que o envolvimento da equipe com os alunos ultrapassa a transmissão de conhecimento. O professor Jorge nos contou que já chegou a levar dois alunos em uma escolinha de futebol e quando questionado sobre o grau de envolvimento que ele tinha com os meninos, ele disse que eles eram seus sobrinhos. Já a coordenadora Elenice falou sobre Rosana que era aluna destaque, mas acabou se envolvendo no mundo das drogas e se afastou da escola.

Eles também nos contaram sobre um aluno que mora em uma árvore e outro que sonha em se tornar deputado. A conversa foi tão proveitosa que eles se

sentiram à vontade para expor os desafios que a equipe enfrenta com a escassez de recursos. Nos contaram que o sonho deles era ter um veículo grande, como uma *Kombi*, por exemplo, para transportar alunos e pegar doações. O professor Jorge disse que está cansado de ir à Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa) recolher doações com o carro dele.

Ao final do encontro, agradecemos a disponibilidade e já marcamos uma nova reunião para sexta-feira, 15 de agosto de 2017. Nossa intenção é manter um contato mais estreito com a equipe pedagógica e ter o nosso primeiro contato com os alunos.

#### Segunda visita:

Na segunda visita, que ocorreu no dia 21 de setembro de 2017, fomos espectadoras de uma aula de artes que estava acontecendo no pátio da escola. Nesse momento, nos tornamos alunas dentre os sete indivíduos que também assistiam à explicação da professora Cláudia. Ela falava sobre a trajetória de Van Gogh, um pintor holandês que se tornou famoso após um suicídio.

A professora passou um vídeo com legendas, que ela mesma leu para que todos compreendessem o conteúdo. Esse vídeo era um tanto melancólico e tinha uma música suave de fundo, ele se chamada "Para lembrar Van Gogh". No decorrer do vídeo, podemos observar que uma das alunas chorava.

Quando a aula terminou, fomos ao encontro da aluna que havia se emocionado durante o vídeo. O nome dela é Vera Lúcia Silva Barros, 56 anos. Ela nos contou que achou a história do pintor muito parecida com a dela, cheia de percalços e lutas.

Enquanto conversávamos com a Vera, a diretora Amélia Cristina nos convidou para uma reunião em sua sala. Durante a conversa, ela nos questionou sobre nossas intenções para com a escola e expôs seu descontentamento com o fato de não ter sido avisada de nossa presença. Foi uma situação complicada, mas explicamos que tudo já havia sido tratado com o vice-diretor, que nos garantiu de que tudo já estava acertado com a equipe pedagógica. Mas, ainda assim, escutamos as considerações da diretora.

No fim das contas, deu tudo certo e tivemos uma conversa amigável e cordial com a diretora Amélia, que nos contou os principais pilares da escola e frisou que muito além de garantir o ensino básico para pessoas em vulnerabilidade, a Escola dos Meninos e Meninas do Parque tinha a função de resgatar sonhos e torná-los tangíveis.

Quando saímos da reunião, fomos para debaixo de uma árvore conversar com a Kelly Araújo, a aluna que havia nos surpreendido na primeira visita. Ela nos contou sobre seu sonho de ser advogada. Durante a conversa, muitos alunos curiosos vinham nos abordar e conversar também. Percebemos que são muito amigáveis e possuem uma certa necessidade de ter voz, mesmo que por alguns instantes.

Essa visita nos fez refletir sobre o processo de invisibilidade vivido por esses indivíduos. O fato da necessidade de atenção é um reflexo da exclusão social que protagonizam nas ruas. Nossa visita, com certeza, não foi um fato corriqueiro na vida deles, acreditamos que foi um momento em que eles sentiram que suas histórias são valiosas, a ponto de duas quase jornalistas os tornarem objeto de composição do trabalho mais importante de suas graduações.

Diante das informações, o documentário "Obrigado, amanhecer: Um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua" respeitou aos quesitos supracitado. Nessa etapa foi realizada também a articulação com os membros da EMMP, com o editor de áudio e vídeo, André Pereira e com a UnBTV para a concessão de equipamentos.

Estipulamos que toda a captação de áudio e vídeo seria realizada entre os dias 3 e 4 de outubro de 2017, pois eram as datas viáveis para atender à logística da UnBTV.

O trabalho tornou-se possível devido ao apoio técnico de diferentes colaboradores, em especial, a UnBTV, que emprestou a nós todos os equipamentos de filmagem, exceto o *Drone Phanton*, e nos isentou de pagarmos um cinegrafista, um custo que chegaria a quase R\$10.000 (dez mil reais), valor pesquisado nesta etapa inicial da elaboração do projeto. É importante ressaltar que não ocorreram gastos com filmagens, já que parte dos equipamentos foram cedidos pela UnBTV e pelo pai da pesquisadora, Gabrielle Freire.

Estabelecemos então, o orçamento de R\$300 (trezentos reais), para serem utilizados na produção do trabalho, sendo R\$100 (cem reais) do editor de imagem e outros R\$200 (duzentos reais) de gasolina para locomoção durante todo o processo. Para a composição do trabalho foi estipulada a utilização dos seguintes equipamentos:

Quantidade	Equipamento	
1	Tripé	
1	Sapata	
1	Tripé de luz	
1	Bateria de Câmera	
2	Cartões de memória	
1	Câmera XLR	
1	Vara com Boom	
1	Rebatedor	
1	Sangan	
1	Lapela com fio	
1	Drone Phantom 3 Professional	

# 6.2 – PRODUÇÃO

O processo de produção do presente trabalho foi marcado pelas primeiras visitas à escola e a produção do documentário com a captação de áudio e vídeo. É importante salientar que os critérios de desenvolvimento dos questionamentos direcionados aos alunos incorporam padrões etnográficos, ou seja, foram fomentadas perguntas estabelecidas pelas pesquisadoras de acordo com as suas percepções

durante o trabalho de campo. "Esse tipo de técnica não segue padrões rígidos e prédeterminados". (MATTOS, 2011).

Para que a captação de áudio e vídeo fosse possível, todos os indivíduos assinaram termo de concessão de imagem. Partindo do pressuposto de resguardo da identidade dos participantes, esses termos não foram agregados ao trabalho, pois não pretendemos realizar a divulgação dos nomes completos e dos Registros Gerais (RGs) dos indivíduos.

### Terceira visita:

A terceira visita aconteceu no dia 3 de outubro de 2017. Nesse dia, já estávamos prontas para gravar o documentário.

Chegamos na escola acreditando que estaria tudo certo para as gravações, quando nos deparamos com a maioria dos alunos e professores do lado de fora esperando uma condução. Eles nos contaram que estavam seguindo para a Câmara Legislativa para uma manifestação contra um projeto de lei que previa o afastamento do Centro Pop de Brasília, que se localiza na Sgas 903, para um local mais afastado do centro da capital federal.

Achamos a consideração bastante legítima e apoiamos, o problema é que não sobraram muitas pessoas para contribuir com o nosso trabalho. A sorte é que a van demorou um pouco e conseguimos gravar, inicialmente, com o Daniel Silva, 23 anos, que saiu da rua há 3 meses e frequenta o 6º ano da EMMP.

De imediato, Daniel nos surpreendeu por sua aparência. Ele é um rapaz branco, de cabelos lisos, estatura mediana e corpo torneado. Ele estava com o uniforme bem limpo e o cabelo arrumado com gel.



Figura 1- Daniel Silva, 23 anos, aluno da EMMP

Daniel nos contou que optou a ir morar na rua, por causa de desgastes familiares. Morar na rua não foi um problema para ele, tirando a parte da fome. Ele conta que dormia na rodoviária, mas ficava de "saco cheio", porque muitas pessoas questionavam porquê de um rapaz bonito, como ele, estar morando na rua.

A rotina dele era bem incomum, ele disse que acordava e ia malhar em uma academia popular, dessas que encontramos ao ar livre, para o uso da comunidade. Depois ele seguia para o lago Paranoá e nadava algumas horas. Por fim, meditava e agradecia a Deus pela vida que tinha.

Daniel voltou a estudar depois de um convite de um amigo. Ele conta que encontrou amparo e condições de higiene e alimentação na escola. Tomou gosto e resolveu ficar.

Depois, conseguimos falar com a Meire Romão, 59 anos. Ela é uma ex aluna da EMMP e trabalha como voluntária na escola. A Meire é um dos exemplos de superação e êxito para todos da EMMP.

Ela foi abandonada e criada na antiga Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (Febem) de São Paulo. Ela nos relatou que a vida era tranquila, apesar do abandono e do fato de terem lhe oferecido escolarização até o 4º ano do ensino fundamental.



Figura 2 - Meire Romão, 59 anos, ex-aluna da EMMP

Com 18 anos a Meire foi embora da Fundação e se casou com um homem que bebia constantemente. Eles se mudaram para Brasília e cansada do trabalho que o marido lhe dava, com as noites de bebedeira, ela resolveu sair de casa e morar na rua.

Meire vive há 12 anos no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Ela conta que fica na recepção da emergência até de madrugada esperando o fluxo diminuir para que ela possa deitar e dormir em um dos bancos. Quando não dá, ela dorme sentada mesmo.

Mesmo com essa rotina, a Meire conseguiu concluir os ensinos fundamental e médio e agora faz aula de espanhol no Centro Interescolar de Línguas (CIL). Ela trabalha na EMMP todos os dias e ainda recebe apoio pedagógico quando tem dúvidas em suas lições do espanhol. Ela conta que seu sonho é ser formada em veterinária e comprar uma casa.

Nesse dia, entrevistamos apenas duas pessoas e foi incrível o fato de já podermos sentir a intensidade de seus embates internos e processos de superação. Saímos de lá com uma nova visão sobre a vida.

#### Quarta visita:

A quarta visita foi no dia 4 de outubro de 2017, seria o último dia que estipulamos para gravarmos o documentário, afinal não era nossa intenção atrapalhar

a dinâmica dos alunos. Assim que chegamos, demos de cara com a Kelly com os olhos marejados por lágrimas, pois havia se desentendido com um colega.

Diante da situação, pedimos com cuidado para que ela nos concedesse entrevista. Ela pediu licença para lavar o rosto no banheiro e voltou disposta a nos ajudar e ainda convidou seu companheiro, Ricardo Bispo, 26 anos, para responder às nossas perguntas a o seu lado. O Ricardo hesitou, mas a coordenadora conseguiu convencê-lo.

A história dos dois é diferente, eles se conheceram na rua em uma época em que a Kelly se prostituía para comprar drogas. Mesmo assim, eles permitiram se apaixonar e construir uma história. Segundo a Kelly, foi o Ricardo que a tirou das drogas e a trouxe de volta para a escola.



Figura 3: Ricardo, 26 anos, e Kelly, 33 anos, alunos da EMMP

Hoje, os dois trabalham em um projeto que incentiva pessoas em situação de rua através da venda de *Revista Traços*<sup>8</sup>. Com a renda, eles alugam uma casa na Vila Planalto e lutam dia após dia para realizarem seus sonhos de ter a casa própria, serem graduados e se destacarem no mercado de trabalho. O Ricardo quer fazer faculdade de letras, se tornar professor e escrever alguns livros. Já a Kelly quer ser advogada e um exemplo de superação para a sociedade.

-

<sup>8</sup> Iniciativa que garante renda e fomenta as histórias de pessoas em situação de rua.

Depois da conversa extensa que tivemos com os dois, nossos corações já ficaram cheios de orgulho do tema que escolhemos. A partir daí, fomos entrevistar o sr. José Liberato que nos contou uma história extensa de abandono familiar. Assim como o Daniel, que entrevistamos na primeira visita, o sr. Zé saiu de casa por opção, ele veio da Bahia para Brasília e vive em uma barraca de camping perto da Torre de TV que fica localizada no centro da Capital Federal.

O sr. Zé nos contou os constrangimentos que passou por não ser alfabetizado e demonstrou a alegria que sente de poder ter uma identidade com o nome assinado, ao invés da que contém apenas a digital.



Figura 4: José Liberato, aluno da EMMP

O sonho dele é só viver com dignidade e poder ter o domínio das palavras para poder mandar cartas para integrantes de sua família que permanecem morando na Bahia. Apesar da história dura, ele não perde o carisma e até nos mostrou seus dotes como cantor.

Para terminar o dia de gravações e nosso último dia na escola, entrevistamos o José Salustiano, vulgo Salú, que está há um ano na escola e está em processo de desprendimento das drogas.



Figura 5: José Salustiano, aluno da EMMP

Ele começou a estudar no Projeto Gran Circular, mas parou quando o projeto foi extinto. Porém, como nunca é tarde para começar, ele resolveu voltar. O Salú nos deixou lisonjeadas quando disse que nos tomava como inspiração e que um dia estaria se formando na faculdade com nós.

Essas visitas à escola nos deram novas perspectivas e nos deram orgulho de termos tido a sensibilidade de optar por esse tema de Trabalho de Conclusão de Curso. Fizemos poucas visitas à escola, porque não queríamos que a nossa presença mudasse a dinâmica e de alguma forma mudasse o discurso dos alunos. Pode parecer clichê, mas em quatro dias a EMMP mudou a vida desses alunos e as nossas também.

### Quinta visita:

Apesar de estipularmos dois dias para finalizar as gravações, observamos a necessidade de voltar à escola para registrar imagens aéreas feitas por drone. A gravação foi feita no dia 4 de novembro de 2017, quase um mês após as gravações iniciais, porque somente nesta data tivemos o equipamento disponível.

Por ser um sábado a escola estava vazia, mas isso não interferiu no resultado final, pois a intenção inicial era registrar a estrutura física da escola. Foram feitos diferentes registros em planos distintos, um que mostra a EMMP de perto e do alto, outro que mostra o Parque da Cidade em plano aberto e a escola no centro dele, outro que registra o nome da escola e frases de reflexão escritas no muro.

Essas imagens foram muito importantes para compor o resultado, tendo em vista a necessidade de tê-las para uma melhor visão do público sobre o tamanho da escola e o lugar onde está situada.

## 6.3 – PÓS PRODUÇÃO

Após a finalização da captação de imagens, demos início à etapa de montagem do documentário. Selecionar trechos de entrevistas entre mais de seis horas de material gravado não foi uma tarefa fácil, até porque a missão principal do presente produto é ser uma representação da realidade, buscando assim uma interferência mínima para não fugir da fidelidade às histórias.

A etapa de montagem do filme documentário marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme. Aqui não importa mais o estilo do documentário, toda a montagem implica em um trabalho de roteirização que orienta a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso. (PUCCINI, 2007, p.175)

Tendo visto a necessidade de criar uma linearidade para os relatos, foi necessário recortar trechos das gravações. Um dos critérios que determinaram a escolha de trechos das entrevistas foi analisar o momento em que as descrições feitas pelos entrevistados diante das câmeras se aproximavam das características mais marcantes deles, que foram observadas por nós durante a pesquisa etnográfica.

A seleção das imagens foi motivada por critérios de qualidade técnica e do valor narrativo empregado a cada uma delas. Para isso, tomamos como inspiração o documentário "O condicionado", que conta a história de Raimundo Sobrinho, ex morador de rua que escreve versos. Além disso, também foi pontuado como referência o vídeo "Há um mundo melhor te esperando no Futura – Dona Mariquinha"<sup>10</sup>, produzido pelo canal futura, uma propaganda do canal, que demonstra como pessoas simples carregam grandes histórias.

<sup>10</sup>Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=tAFxCyxM5d4&feature=youtu.be>

<sup>9</sup> Disponível em: < <u>https://www.youtube.com/watch?v=li7EWYYgx\_Y</u>>

A fotografia desses dois vídeos é muito poética, porque além de ter a fotografia em plano fechado, que acreditamos aproximar o leitor da história, mostram também imagens de cobertura que agregam a aquilo que está sendo dito. Foram esses pontos que tentamos agregar ao trabalho.

Mesmo no caso de documentários compostos por filmagens aleatórias, espécies de diários filmados, esse material de filmagem terá obrigatoriamente que se encaixar dentro de uma estrutura discursiva com começo, meio e fim se for a intenção do realizador transformar o material em filme. (PUCCINI, 2007, p.176)

Para facilitar a montagem das cenas, primeiro foi feito a decupagem de todo material, ou seja, toda gravação foi assistida e transcrita para a identificação dos trechos. De acordo com Puccini (2007), a transcrição pode ser feita em tópicos ou anotando de palavra por palavra do que é dito. No presente trabalho optamos por registrar as falas detalhadamente para análise completa do material antes da montagem.

Após esse momento, um roteiro inicial foi criado com a escolha de cenas e falas a serem unidas pela edição. Esse trabalho de seleção ajudou na comunicação com o editor de imagens, que conseguiu compreender a ideia do filme a partir da estruturação feita previamente. "Escolhidas as cenas, o roteirista define a ordenação destas, que pode ou não respeitar a cronologia dos fatos da história. Essa ordenação determina a estrutura narrativa do filme." (PUCCINI, 2007, p.181)

A montagem do filme foi feita no programa de edição Adobe Premier Pro Creative Cloud 15, um dos principais softwares para desempenhar a função. O responsável pela edição de imagens optou por separar primeiro as entrevistas, logo depois as imagens de cobertura foram adicionadas.

Um elemento importante no resultado final são as trilhas sonoras, elas são responsáveis por expressar ao público grande parte do contexto de uma cena. A escolha das músicas a serem executadas no filme foi feita de acordo com a temática das cenas, para assuntos alegres trilhas mais agitadas, se tratando de tristeza,

emoção, foram escolhidas sonorizações mais lentas. As trilhas foram retiradas de arquivos de domínio público disponibilizados no *Youtube*<sup>11</sup>.

As fontes utilizadas na composição do documentário foram retiradas do portal *Dafont*. A intenção foi utilizar letras que remetessem ao padrão grafado. As fontes testadas foram *Chalk Hand Lettering Shades, KG Makes You Stronger Fonte e Sign Handwriting*. Por fim, escolhemos a fonte *Drawing Guides*, pois foi a que mais se adequou à proposta do trabalho, pois remete à grafia de lousa escolar.

Na arte da capa do DVD foram utilizadas fontes sem serifa. O título foi composto pela grafia *Bedas* que apresenta padrão em caixa alta e em negrito. A composição da sinopse e dos créditos se deu através da fonte *Autoradiographic*.

Foram feitas correções técnicas nas imagens, como luz, saturação, aplicação de filtros, fator concluído como necessário para uma uniformidade do filme. O tempo do produto também foi escolhido para não ultrapassar 11 minutos, duração que entendemos não tornar o filme cansativo a ponto de dispersar a atenção do público. Mesmo diante de interferências estéticas, mantivemos o compromisso com a essência do filme, cumprindo o papel de informar sobre uma realidade vivida.

Os documentários com apelo social refletem a vontade de dar voz ao coletivo e ser mais do que características estéticas, criando conceitos que abrangem o lado jornalístico do conteúdo. (PICCININ, 2011, p. 2).

A escolha do título ocorreu na fase de pós-produção, quando uma música cantada por um dos entrevistados, o aluno José Liberato, chamou a atenção durante a montagem. A canção "Marcas do que se foi", dos compositores Ruy Mauriti e José Jorge, foi expressa por ele de forma tão representativa que foi dada um destaque à trilha, como se fosse algo entoado por todos os alunos, ao dizerem trechos da canção, como "marcas do que se foi, sonhos que vamos ter." Assim o nome do filme foi traçado pela expressão do estudante José Liberato ao dizer: "obrigado, amanhecer", uma forma de agradecer por cada oportunidade que eles têm, mesmo diante da situação de rua.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Rede social que possibilita a publicação de documentos de áudio e vídeo.

Os custos que tivemos ao final do trabalho foram com a contratação de um editor de imagem, que cobrou R\$100 (cem reais) para fazer o trabalho. Além disso, tivemos gastos com gasolina para o deslocamento entre a escola, UnB e casa dos membros da equipe, e com alimentação nos dias de filmagem e edição. O valor gasto nessas duas situações foi de aproximadamente R\$300,00 (trezentos reais). No total, foram gastos cerca de R\$400,00 (quatrocentos reais) com criação do documentário "Obrigado, Amanhecer: Um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua." apenas R\$100 (cem reais) a mais do que o planejado na etapa de pré-produção.

A edição de imagens foi feita em três dias, levando em conta a necessidade de selecionar os trechos, optar por trilhas, ver e rever as escolhas de imagens. Consideramos que o valor, de R\$400 (quatrocentos reais), e tempo entre préprodução, produção e pós-produção de três meses, foram justos para o resultado final do presente trabalho.

## 7 - CONCLUSÃO

Os resultados alcançados foram muito além da produção de um produto, com nuances etnográficas, que revela por meio do formato documental as motivações de pessoas em situação de rua que cursam a EJA em uma instituição de ensino formal.

O presente trabalho apresenta a rua como um local de refúgio e construção de vínculos afetivos e sociais, tendo em vista que parte dos entrevistados optaram por permanecer na rua, mesmo tendo a opção de morar com suas famílias.

A situação de rua traz ao indivíduo processos de socialização e vivências e o leva, diante do imaginário coletivo, à marginalização e exclusão social. As políticas públicas de suporte a esses indivíduos são pouco eficazes e muitos não possuem instrução e pouco conhecem as nuances dos direitos fundamentais garantidos por lei a todos os cidadãos, sem distinção.

Dentro dessa perspectiva, a educação toma o papel de instrumento de libertação e reconhecimento social. Através do processo de alfabetização esses indivíduos passam a formular novas perspectivas sobre a vida. No caso do documentário, a EMMP é o grande cenário dessas transformações, porque além de suprir necessidades primárias dos alunos com higiene e alimentação, ela os garante viver, nem que seja apenas no período em que permanecem na escola, uma espécie de cidadania.

A escola aparece não apenas como concessora de conhecimento, mas como instrumento de visibilidade. O apoio pedagógico e o tratamento igualitário para com todos dentro da instituição retoma a sensação de igualdade. Além disso, a atenção da equipe para com os alunos, um fato sempre frisado pelos entrevistados, retoma valores familiares que os indivíduos perderam no passado.

A produção do documentário reforça as nuances e a militância do cenário do jornalismo público, e faz com que os indivíduos que se dispuseram a contar suas histórias se apresentarem como seres relevantes que devem ser escutados.

A invisibilidade social é um tema extenso e delicado. Poucos são os veículos que apresentam de forma isenta de julgamento de valor as vivências dessas pessoas, assim como foi destacado no observatório dos telejornais DFTV 1º e 2º edição, que dentro de um universo de 37 matérias com a temática sobre moradores de rua, 27 possuíam um viés negativo sobre o grupo.

Apresentar indivíduos que estão retomando vínculos e fazer com que eles contassem sobre suas vidas pregressas e perspectivas de futuro foi um trabalho intenso e delicado. As perguntas formuladas durante as gravações respeitaram o nível de liberdade que foi conquistado ao longo das visitas de campo.

O documentário "Obrigado amanhecer: Um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua" nada mais é do que um canal para que a sociedade perceba as verdadeiras nuances da invisibilidade social. O trabalho foi construído para que os personagens sejam vistos como exemplo de superação e luta.

## 8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAL FUTURA. **Há um mundo melhor te esperando no Futura – Dona Mariguinha – Campanha Contentamento**. 2016. Disponível em:

<a href="https://www.youtube.com/watch?v=tAFxCyxM5d4&feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=tAFxCyxM5d4&feature=youtu.be</a> Acesso em: 3 de agosto de 2017

CARVALHO, Márcia. O Documentário como Projeto Experimental. 2013. Disponível em:

<a href="http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0299-1.pdf">http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0299-1.pdf</a>. Acesso em: 10 de maio 2017.

CUNHA, Júnia ; Valéria, RODRIGUES, Mônica. Rua: **Pesquisa Nacional sobre a População de Rua**. 2009. Disponível em:

<a href="http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\_social/Livros/Rua\_apre">http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\_social/Livros/Rua\_apre</a> ndendo a contar.pdf > Acesso em: 14 de novembro de 2017.

CHRISTOFOLETT, Rogério (Org.). Vitrine e Vidraça: Crítica de Mídia de Qualidade no Jornalismo. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. 2007. Disponível em <a href="http://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo\_de\_etica\_dos\_jornalistas\_brasileiros.pdf">http://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo\_de\_etica\_dos\_jornalistas\_brasileiros.pdf</a>> Acesso em: 14 de agosto de 2017.

COSTA, Paulo. **Jornalismo Público: Por uma nova relação com os públicos.** 2006. Disponível em: < <a href="http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re\_vista4/12">http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re\_vista4/12</a> 4.pdf> Acesso em: 16 de outubro de 2017.

DFTV 1° edição; DFTV 2° edição - Disponível em: <a href="http://g1.globo.com/distrito-federal/">http://g1.globo.com/distrito-federal/</a> Acesso em: 16 de agosto de 2017.

DUARTE, Heloísa. O olhar filosófico de Paulo Freire sobre a alfabetização de jovens e adultos. 2012. Disponível em:

<a href="http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/HELOISA%20HELENA%20APARECIDA%20CHAVES%20DUARTE.pdf">http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/HELOISA%20HELENA%20APARECIDA%20CHAVES%20DUARTE.pdf</a>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

ESCOREL, Sara. (2003). Vivendo de Teimosos – moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. Em Marcel Bursztyn (Org.), No meio da rua – nômades, excluídos e viradores (pp. 139-171). Rio de Janeiro: Garamond. Disponível em:

<a href="http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a09.pdf">http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a09.pdf</a> Acessado em: 1 de novembro de 2017

Facebook Stories. **O Condicionado, poeta Raimundo**. 2015. Disponível em: < <a href="https://www.youtube.com/watch?v=li7EWYYgx\_Y">https://www.youtube.com/watch?v=li7EWYYgx\_Y</a>> Acesso em: 3 de agosto de 2017.

FERREIRA, Fernanda; ALVES, Maíra. **Representações Sociais Dos Moradores De Rua No Jornal Correio Braziliense: Exclusão, dessemelhança e violência.** 2015. Disponível em:

<a href="http://www.rica.unibes.com.br/index.php/rica/article?viewFile?630/550">http://www.rica.unibes.com.br/index.php/rica/article?viewFile?630/550</a>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 43 <sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005

Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2015. Disponível em:

< <a href="https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html">https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html</a>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

JABUR, Pedro; TAVARES, Breitner; SILVA, Jussara; MARTINS, Yure. **Cozinhando a céu aberto: relatos de vida de moradores de rua de Brasília**. 2015. Disponível em:<<a href="https://www.academia.edu/24430106/Cozinhando">https://www.academia.edu/24430106/Cozinhando</a> a c%C3%A9u aberto relato s\_de\_vida\_de\_moradores\_de\_rua\_em\_Bras%C3%ADlia> Acesso em: 14 de junho de 2017.

JÚNIOR, James; XIMENES Verônica. A identidade social estigmatizada de pobre:uma constituição opressora. (2016). Disponível em:

<a href="http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0076.pdf">http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0076.pdf</a> Acesso em: 18 de outubro de 2017.

KLAUMANN, Alexandre. Moradores de rua – um enfoque histórico sócio assistência da população em situação de rua no Brasi: A realidade do Centro POP de Rio do Sul SC. (2015) Disponível em:

<a href="http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Alexandre-da-Rocha-Klaumann.pdf">http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Alexandre-da-Rocha-Klaumann.pdf</a> Acesso em: 12 de julho de 2017.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário, cinema e documentário: Apontamentos para um diálogo entre as áreas.** 2010. Disponível em:

<a href="http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/cc\_35.pdf">http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/cc\_35.pdf</a>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

MATTOS, Cármen. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. 2009. Disponível em: <a href="http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf">http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf</a> Acessado em: 20 de outubro de 2017

MONTEIRO, Adriana e MOURA, Ana Paula. **A história identitária dos alunos da EJA e o perfil profissional que atua nessa modalidade.** 2015. Disponível em: <a href="http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8">http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8</a> <a href="http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8">http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8</a> <a href="http://www.editorarealize.com">http://www.editorarealize.com</a>. br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8 <a href="http://www.editorarealize.com">http://www.editorarealize.com</a>. br/revistas/fiped/trabalhos/77f959f119f4fb2321e9ce8

MUSSE, Cristian; FERRAZ, Mariana. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. 2009. Disponível em: <a href="http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/christina\_ferraz\_musse;\_mariana\_ferraz\_musse">http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/christina\_ferraz\_musse;\_mariana\_ferraz\_musse</a>

.pdf>. Acesso em: 13 de outubro de 2017.

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. 2016. Disponível em: <a href="http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td\_2246.pdf">http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td\_2246.pdf</a> Acesso em: 13 de outubro de 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** 5ª Edição. Campinas: Papirus Editora, 2010.

PAINI, Leonor. Retrato do analfabetismo: algumas considerações sobre a educação no Brasil .2015. Disponível em:

<a href="http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/202/15">http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/202/15</a>
0> Acessado em: 02 de maio. de 2017.

Palácio do Planalto. **Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nº 9394/96**. 1996. Disponível em:

< <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/L9394.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/L9394.htm</a> Acessado em 20 de maio do 2017.

Palácio do Planalto. **Decreto nº Decreto nº 7.053/2009.** Disponível em: < <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm</a>> Acessado em 20 de maio de 2017.

**Portal da Assossicação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.** Disponível em: <&lt;http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/9encontro/CC\_58.pdf&gt;> Acesso em: 29 de maio de 2016.> Acessado em: 16 de agosto. 2017.

Planejamento para a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional da educação. Ministério da Educação, 2014. Disponível em:

< http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\_conhecendo\_20\_metas.pdf> Acessado em 01 de abril de 2017.

Portal DAFONT- Disponível em: < <a href="https://www.dafont.com/pt/">https://www.dafont.com/pt/</a> > Acessado em: 18 de novembro. de 2017

Portal da Secretaria de Educação do DF < http://pne.mec.gov.br/> Acessado em 01 de junho de 2017.

PICCININ, Fabiana. Onde o jornalismo mostra e reflete sobre seu fazer: o caso do documentário contemporâneo. 2011. Disponível em:

<a href="http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/9encontro/CC\_58.pdf">http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/9encontro/CC\_58.pdf</a>>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

PRIMO, Alex F. T. Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo. Revista Famecos, v. 1, n. 12, 2000. Disponível em:

<a href="http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3068/2346">http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3068/2346</a>. Acessado em 10 de maio de 2017.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção.** 2007. Disponível em:

<a href="http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Roteiro\_de\_Documentario\_SergioJosePuccini\_Unicamp.pdf">http://www.renatodelmanto.com.br/casper/Roteiro\_de\_Documentario\_SergioJosePuccini\_Unicamp.pdf</a>. Acessado em: 12 de novembro. de 2017.

RIBAS, Beatriz. Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário. 2003. Disponível em:

<a href="http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003">http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003</a> ribas webdocumentario.pdf.> Acesso em: 19 de junho de 2011

ROCHA, Débora. Documentário: simulação do mundo vivido e dissimulação de si mesmo. 2016. Disponível em:

<a href="http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0629-1.pdf">http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0629-1.pdf</a>>. Acesso em: 12 de out. de 2017

SANTOS, Daiane dos Santos. O retrato do morador de rua da cidade de Salvador-BA: Um estudo de caso. 2009. Disponível em

<a href="http://www.aopmba.com.br/ckfinder/userfiles/files/ORetratoDoMoradorDeRua.pdf">http://www.aopmba.com.br/ckfinder/userfiles/files/ORetratoDoMoradorDeRua.pdf</a> Acesso em 22 de maio de 2017.

STOFELLS, Marie-Ghislaine. Os mendigos na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SPINELLI. Egle Muller. Imagens híbridas: o uso da fotografia, áudio, texto e vídeo na produção de documentários jornalísticos. 2009. Disponível em:

<a href="http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/egle\_muller\_spinelli.pdf">http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/egle\_muller\_spinelli.pdf</a>>. Acesso em: 12 de out. de 2017.

SILVA, Gislene. Para Pensar Critérios de Noticiabilidade. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/2091-6215-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

SELES, Silvia. O formato e a linguagem dos documentários produzidos sobre a cidade de São Paulo1 2007. Disponível em:

<a href="http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0626-1.pdf">http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0626-1.pdf</a>. Acesso em: 5 de maio de 2017.

TAVARES, Denise. O Jornalismo e os impasses do documentário audiovisual. 2005. Disponível em:

<a href="http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/iiisbpjor2005\_-\_ci\_-">http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/iiisbpjor2005\_-\_ci\_-</a> denise tavares.pdf>Acesso em: 5 de out. de 2017

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. 2003. Disponível em:

<a href="http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf">http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf</a>.

Acessado em: 20 de julho de 2017

### 9 -. APÊNDICES

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado(a) e identificado(a), autorizo gratuitamente, de forma irretratável e irrevogável, **Cindy de Souza Tavares**, com RG 3173651 **e Gabrielle de Sousa Freire**, com RG 3.194.295, respectivamente, estudantes da Universidade de Brasília do curso de Comunicação Social, a utilizarem minha imagem e voz e, eventualmente, performance musical, para fins de inserção na obra audiovisual intitulada **Obrigado Amanhecer: um retrato da alfabetização de pessoas em situação de rua.** 

Reconheço expressamente que Cindy de Souza Tavares e Gabrielle de Sousa Freire e/ou terceiros a elas associados para o fim da produção da obra na qual serão inseridas minha imagem e voz e/ou imagem, voz, performance, poderão livremente da referida obra dispor, bem como de seus extratos, trechos ou partes, dando-lhe qualquer utilização econômica, sem que a mim caiba qualquer remuneração ou compensação, podendo, exemplificativamente, adaptá-la para fins de produção de obras audiovisuais novas, para fins de exibição em circuito cinematográfico, utilizá-la para matéria promocional em qualquer tipo de mídia, inclusive impressa, seja para fins de divulgação da referida obra, para a composição de qualquer produto ligado à mesma (tais como a capas de CD, DVD, "home-video", DAT, entre outros), assim como para a produção do "making off" da referida obra; fixa-la em qualquer tipo de suporte material, CD, CD ROM, DAT, DVD e suporte de computação gráfica em geral, armazená-la em banco de dados, transmiti-la via rádio e/ou televisão de qualquer espécie (televisão aberta ou televisão por assinatura, através de todas as formas de transporte de sinal existente), ceder os direitos autorais sobre a obra a terceiros e dar-lhe qualquer outra utilização que proporcione à Cindy de Souza Tavares e Gabrielle de Sousa Freire alguma espécie de vantagem econômica.

Adicionalmente, autorizo a sincronização e veiculação de qualquer obra e performance musical por mim criada previamente e/ou executada durante a captação de imagens para utilização na obra citada, conforme parágrafo acima, razão pela qual, neste ato, abro mão de qualquer direito de sincronização e execução, não cabendo a mim qualquer remuneração ou indenização quando o uso, gozo e fruição dos direitos de exibição e exploração mencionados naquele mesmo parágrafo.

Nenhuma das utilizações previstas acima, ou ainda qualquer outra que pretenda Cindy de Souza Tavares e Gabrielle Freire ou outros a elas associados/ licenciados à dar a obra e/ou às imagens cuja utilização foi autorizada através desse termo, têm limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou no exterior, sem necessidade de autorização específica ou que seja devida a mim qualquer remuneração ou indenização.

	Brasília., de	de 2017
Nome:		
n.C.		
Assinatura:		

Cronograma de composição do trabalho		
Julho/ 2017	<ul><li>Definição da temática do trabalho</li><li>Primeiras leituras</li></ul>	
Agosto/2017	<ul> <li>Articulação com a equipe pedagógica da EMMP</li> <li>Desenvolvimento da pesquisa de campo</li> <li>Início da produção do memorial</li> </ul>	
Setembro/2017	<ul> <li>Articulação com a UnBTV</li> <li>Contratação do editor de áudio e vídeo</li> <li>Prosseguimento da pesquisa de campo e do memorial</li> </ul>	
Outubro/2017	<ul> <li>Coleta do material de áudio e vídeo</li> <li>Edição do documentário</li> </ul>	
Novembro/2017	<ul> <li>Término do memorial e do documentário</li> <li>Adequação do trabalho aos padrões exigidos pela Universidade de Brasília</li> </ul>	
Dezembro/20176	<ul> <li>Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso para a banca.</li> </ul>	